



Corpo-em-Arte: Investigações criativas em Dança, reverberações dentro e fora da cena

Angélica Maria Alves¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo relatar as reverberações ocorridas dentro do Projeto de Extensão Corpo-em-Arte: Investigações criativas em Dança a partir da vivência da pesquisadora-bolsista. Este relato de experiência é referente a um processo criativo que culminou no espetáculo de dança *Obscuricenidades*.

Palavras- Chave: diário de bordo; processo criativo; dança; formação artística.

O presente artigo tem como objetivo relatar as reverberações ocorridas dentro do Projeto de Extensão Corpo-em-Arte: Investigações criativas em Dança² a partir da vivência da pesquisadora-bolsista (intérprete-criadora). O projeto de extensão (2018-

¹Graduanda do curso de Licenciatura em Dança da UFAL. E-mail: amaangelmaria@gmail.com

²**Corpo-em-arte:** Investigações criativas em dança é um Projeto de Extensão do Curso de Licenciatura em Dança da UFAL, cujo objetivo é a investigação de possibilidades poéticas em dança embasadas no amálgama corpo-técnica-criação, tendo como meio/produto investigativos o desenvolvimento de um processo colaborativo de criação em dança. Nestes processos pedagógicos, a criação artística e os processos de pesquisa e investigação envolvidos são compartilhados por todos os integrantes do grupo envolvido.

³**Corpo Cênico da UFAL** é um programa de Extensão Universitária voltado á formação artística, pedagógica e técnica continuada de seus integrantes; a produção, pesquisa a difusão das artes da cena (teatro, dança, circo, arte da performance , entre outras); integrado aos programas de extensão dos cursos de Licenciatura em Dança e Teatro da UFAL: com projetos artísticos-pedagógicos renovados anualmente e coordenados por docentes lotado nestes cursos; integrado por, no mínimo, dez (10) estudantes bolsistas destes cursos e por interessados em geral, de acordo com os projetos de produção e/ou pesquisa cênica em vigor; responsável pela produção anual de obras cênicas.

2019) é uma subdivisão do Programa de Extensão Corpo Cênico³ da Universidade Federal de Alagoas, que tinha por objetivos específicos:

Contribuir para a formação, nos âmbitos artístico e pedagógico dos estudantes de Dança da Ufal, articulada aos PPCs e às ações de extensão essas licenciaturas; Estimular a produção anual de obras cênicas e incentivar a difusão das artes cênicas na comunidade universitária e em Alagoas; Colaborar para a oferta de atividades acadêmicas: cursos, seminários, palestras, entre outros eventos artísticos e ações à comunidade alagoana; Instituir uma programação artístico-cultural permanente na universidade, garantindo à comunidade acadêmica e demais segmentos de público o direito à fruição de produções cênicas, visando contribuir com as Diretrizes e Bases da Educação Superior e o Plano Nacional de Cultura; Difundir obras cênicas nos mais diversos lugares do Estado de Alagoas, visando à geração de público para as artes cênicas. (Edital Corpo Cênico da UFAL, 2018).

Sob a coordenação da professora Dr^a Kamilla Mesquita Oliveira, o corpo cênico de dança era composto de 10 bolsistas: Angélica Maria Alves, Ângela Maria da Silva Santos, Thatiana Alves Machado, Cássia Keren da Silva Muniz, Fagner Rosendo de Souza Silva, Jailton de Oliveira Correia, Maria do Amparo Alves Correia, Jeyssi Luiza Nascimento Santos, Geferson Ramos de Oliveira e Djamyson Olímpio da Silva e 01 (uma) discente voluntária: Ione Maria da Silva Santos.

O projeto teve duração de 1 ano e 3 meses, as aulas aconteciam no Espaço Cultural - Ufal nos dias de segundas-feiras das 13h às 17h e terças-feiras das 12h30 min. as 15h30 min.

Os encontros foram realizados por meio de estudos técnicos voltado para o desenvolvimento de um processo criativo de caráter colaborativo em dança alimentado pelas vivências somáticas, técnicas e didáticas vivenciadas, e como estes corpos organizam suas vivências e desejos em cenas de dança a serem partilhadas com o público.

Para a confecção deste artigo a abordagem metodológica utilizada é de caráter qualitativo do tipo auto-etnográfica. Os procedimentos utilizados foram: pesquisa bibliográfica, pesquisa-ação e diário de bordo. Conforme nos mostra o autor Antonio Carlos Gil em *Como elaborar projetos de pesquisas* (2002:44-55):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. A pesquisa-ação pode ser definida como (Thiollent, 1985, p.14): "... um tipo *de pesquisa com base empírica*

que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo."

Para tanto, utilizo como base para o referencial teórico, Salles (2013), Machado (S/D), Agambem (2009), Oliveira (2014) e Miller (2007).

O relato de experiência apresentado aqui é fruto das vivências e das escritas em um diário de bordo da intérprete-criadora, escrita esta que tem um viés poético e reflexivo. A escolha pela utilização do diário de bordo se justifica por ele ser um instrumento de registro pessoal, feito em um arquivo digital, onde a autora põe, além dos fatos ocorridos na sala de aula, suas inquietações, sensações e dúvidas de forma mais sensível, livre e verdadeira.

Assim, Marina Marcondes Machado no seu artigo *O Diário de Bordo como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em artes cênicas*, afirma que:

O Diário de Bordo é a compilação de todas as anotações que um encenador-criador faz durante a escritura, montagem e encenação do espetáculo sobre o qual, futuramente, sua dissertação ou tese vai tematizar e discutir (...) Acredito que o trabalho de registro do processo de criação vai também preceder a reflexão, ou seja, é uma espécie de literatura sendo criada pelo trabalho em processo, ao mesmo tempo em que o pesquisador está preocupado com a linguagem teatral e seus desdobramentos, no cotidiano dos encontros, ensaios e orientações acadêmicas. E justamente porque o Diário traduz a experiência pré-reflexiva da pesquisa, é que podemos chamá-lo de "ferramenta fenomenológica". (MACHADO, S/D, p. 260 - 261).

Outra perspectiva pertinente sobre registros em diários de bordo é da autora Cecília Almeida Salles. Ela, em seu livro *Gesto Inacabado* (2013), afirma que há uma diversidade de formas de registrar as experiências do pesquisador/artista, uma dessas formas a autora chama de "documentos de processos" (2013:28) Segundo a autora:

Há, por parte do artista, uma necessidade de reter alguns elementos que podem ser possíveis concretizações da obra ou auxiliares dessa concretização. (...) Não temos, portanto, o processo de criação em mãos, mas apenas alguns índices do processo. São vestígios vistos como testemunho material de uma criação em processo. (...) Em termos gerais esses documentos desempenham dois grandes papéis ao longo do processo criador: armazenamento e experimentação. (...) Todos esses documentos podem ser digitais ou analógicos. (SALLES, 2013, p. 26 – 27).

Desta forma, ao longo deste texto serão citados fragmentos do processo criativo que culminou no Espetáculo Cênico *Obscuricidades* e inquietações que foram

surgindo no decorrer do processo e na noite de estreia. Entretanto, acredito ser pertinente começar falando sobre a minha sensação antes de entrar no projeto.

Difícil é expressar em palavras a alegria que eu senti quando vi o meu nome na relação dos aprovados para o corpo cênico de dança. Eu sempre desejei participar deste projeto. Quando lançou o primeiro edital em 2016 confesso que fiquei meio triste e revoltada porque as aulas aconteciam no horário da manhã. Mas acredito que tudo acontece no tempo certo. O destino sorriu para mim e aqui estou eu no Corpo Cênico, Corpo em Arte.

O corpo cênico tem contribuído muito na minha formação como artista/docente. Nossa visão torna-se mais ampla, reconhecemos a importância do outro no trabalho coletivo e colaborativo. Outro, outros. Navegamos pelos mares sem rotas pré-estabelecidas, sem bússolas. Olhamos para o infinito, para o futuro, porém permanecemos no presente.

Nas primeiras aulas, nos meses de maio e junho, nos debruçamos sobre os textos de Giorgio Agambem *O que é contemporâneo? E outros ensaios* (2009), Jussara Janning Xavier *O que é a dança contemporânea?* (2011), *Educação Somática: novo ingrediente da formação prática em dança*, de Sylvie Fortin, tradução de Márcia Strazzacappa (1999) e por último, *Processo PoéticoPedagógico: sobre o acolhimento de estímulos no processo criativo em dança* de Letícia Nascimento Gomes (2016).

Esses textos foram lidos e discutidos em sala de aula e serviram para refletirmos sobre nossas futuras práticas docentes. Outros textos vieram complementando e justificando o caráter de jogo improvisacional do espetáculo *Obscuricidades*, mas o texto que serviu como ponto de partida para o nosso processo criativo foi, especificamente, o texto de Giorgio Agambem *O que é contemporâneo? E entre outros ensaios*. A partir da leitura desse texto foram surgindo várias inquietações em cada integrante do grupo.

No texto citado acima, o autor apresenta o seu pensamento sobre contemporaneidade abordando várias metáforas a partir da poesia “O século” de Osip Mandel’stam de 1923. Segundo Agambem (2009: 58-59):

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo.

Meu século, minha fera, quem poderá

*olhar-te dentro dos olhos
e soldar com o seu sangue
as vértebras de dois séculos?
Enquanto vive a criatura
deve levar as próprias vértebras,
os vagalhões brincam
com a invisível coluna vertebral.*

(Poesia “O século” de Osip Mandel’stam de 1923, *apud* Agambem, 2009).

Diante disso, comecei a refletir sobre ser/estar contemporâneo. Confesso que até o momento da leitura desse texto eu nunca tinha parado para pensar se sou contemporânea. Entretanto, acredito que uma lâmpada acendeu na minha mente, ou melhor, um abismo escuro surgiu com um facho de sombras, convidando-me a aprofundar em meio à escuridão.

Acredito que contemporâneo é ver a escuridão, é estar com seus olhos abertos, claros, ver estrelas, luas, girassóis, permanecer no seu tempo presente, mas se projetar para o futuro. É estar em um constante devir.

De 29 de maio à 17 de junho fizemos uma pausa seguindo o calendário acadêmico da UFAL, e no dia 18 de junho, entre uma colherada e outra de doce de leite mineiro (além de um momento de afeto – um presente trazido pela professora – foi sendo desenvolvido um clima de cumplicidade entre os participantes com algumas vivências tais como essa – uma roda de conversa com compartilhamento de doces), voltamos com as aulas do nosso corpo cênico, nosso doce corpo-em-arte.

Pedagogicamente, pintamos, em uma folha de papel A4, um desenho de um pé. Após isso, fizemos uma aula básica de educação somática, nos aprofundando nos estudos de Klauss Vianna, especificamente, no primeiro e segundo vetores, e um exercício de mímica. Conforme Jussara Miller, o primeiro vetor – metatarso:

Consiste em cinco ossos metatársicos localizados no pé. É importante preservar os espaços articulares entre eles para que haja uma distribuição adequada do peso do corpo nos três pontos de apoio do pé: o primeiro metatarso, o quinto metatarso e o calcâneo, o “triângulo do pé”, que oferece a base mais segura para o corpo em sua totalidade. (MILLER, 2007, p. 77).

Já o segundo vetor – calcâneo, a autora nos diz que:

O calcâneo é um dos três pontos de apoio que compõem o “triângulo do pé”, portanto, a sua direção para o chão, na posição vertical, é constante. O segundo vetor consiste na direção dos calcâneos para dentro, reverberando em uma discreta rotação do fêmur para fora, acionando os rotadores, refletindo na estabilidade da articulação coxofemoral e criando uma conexão entre calcâneo/ísquios ou pés/quadril. (2007, p. 78-79).

Compreendemos, portanto, a relevância do estudo dos vetores para darmos ênfase no exercício dos pés: andar bem devagar e, em alguns momentos, trazer a idéia de flutuar. Continuamos com esse exercício de flutuar com os pés na aula seguinte.

Na aula seguinte, além da continuação da aula com o exercício dos pés, o Jailton trouxe a seguinte proposta: criar uma sequência coreográfica a partir das frases retiradas do *Livro Sobre o Nada* de Manoel de Barros. A frase foi escolhida aleatoriamente e a minha foi: *Posso dar alegria ao esgoto*. A professora Kamilla nos orientou usando um dos procedimentos criativos do Lume² - Trabalho com o Texto – no qual o texto é utilizado muito mais como propulsor de ações corporais do que como um continente de significações e sentidos; o que, porém, não exclui, de maneira alguma, a construção dramaturgica do movimento.

A palavra ‘texto’, antes de se referir a um texto escrito ou falado, impresso ou manuscrito, significa ‘tecendo junto’. Neste sentido, não há representação que não tenha ‘texto’. Aquilo que diz respeito ao texto (a tecedura) da representação pode ser definido como ‘dramaturgia’, isto é, drama-ergon, o ‘trabalho das ações’ na representação. (BARBA E SAVARESE 1995, *apud* OLIVEIRA, 2014).

Eu criei a minha sequência pensando nas crianças que passam fome no mundo, nas doenças, violência, mortes, miséria e guerras. O que eu posso fazer em meio a um mundo onde o descaso reina e ódio e injustiça paira ao nosso redor? Como posso dar alegria aos olhares perdidos, almas oprimidas, sedentas por um lugar melhor? Como posso contribuir? Em meio às inquietações que formigam em mim, uma pequena frase coreográfica foi criada. Uma dança no caos poético.

No dia seguinte tivemos uma aula de *Animation*³ ministrada pelo Fagner. Ele nos ensinou quatro técnicas: *Dime stop*, *Warping*, *Strutting* e *Rool*. Após vivenciarmos essas técnicas, ele sugeriu que aplicássemos na sequência coreográfica da frase que foi retirada do livro.

No dia 10 de julho assistimos (em DVD) ao Espetáculo *Shi Zen Sete Cuias* do grupo de teatro Lume. As cenas são tipo quadros e não contam uma história com

²Lume Teatro – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da Unicamp, localizado em Campinas (SP), neste núcleo é oferecido oficinas, intercâmbios e espetáculos teatrais.

³Animation: é uma dança que faz, basicamente, a junção de técnicas como *Dime stop*, *strutting*, *strobing*, *warping* para utilizar a movimentação de animações antigas norte americanas, todas essas técnicas são do *Popping* (estilo de dança *Funk Styles*).

começo, meio e fim, porém as cenas se articulam muito bem formando uma trama dramaturgica.

No dia 16 de julho, Maria do Amparo propôs a Experimentação às Cegas que consiste basicamente em andarmos com os olhos vendados, e em dupla, ter um guia conduzindo para não haver tombos uns com os outros.

Sensação na aula: Experimentei pouco. Senti-me presa pela presença do meu guia. Não pude ficar no chão, logo eu que amo o chão! Só podíamos ficar em pé. Fui algumas vezes tocada, impedida de ir... E pela primeira vez, numa experimentação como essa, fiquei tonta (eu já tinha vivenciado essa dança em outra disciplina e nunca passei mal), parei. Fim da aula para mim.

Sentada no canto da sala, para não atrapalhar meus colegas, observei eles indo... O Fagner fez o que fiz em outra vivência: se jogou! Deixou-se ir. Liberdade é a palavra que caracteriza a cena. Ângela fluuava pela condução do Jailton. Ela sorria, ele apenas a estimulava. Fecho os olhos e os vejo. Alegria! Em casa, fiquei pensando. Reverberação da aula: Senti falta de mais tempo. Tempo! Tempo para ir, tempo para ficar, tempo para sentir. Tempo, tempo, tempo... O senhor de muito de nós. Buscamos tempo para fazer tantas coisas, mas às vezes não temos tempo para nós mesmos. Tempo para parar, descansar, conversar besteiras com os amigos, apreciar as coisas simples e belas da vida. Falta-nos tempo para alimentar a alma. Temos um relógio de ouro, mas não temos o tempo. Quanto tempo tu tens hoje? O que você vai fazer com ele?(Angélica Maria Alves, Diário de Bordo, 16 de julho de 2018).

Na semana seguinte repassamos a nossas sequencias, e, depois, com lápis de cor, caneta e um enorme papel, cartografamos tudo que fizemos até o momento.

Hoje começamos a construir uma possível composição coreográfica. Para o experimento de hoje a professora Kamilla chamou-o de Segmentos. Segmentos: são pequenas seqüências criadas a partir de uma articulação. A proposta foi que todo o grupo se dividisse em dupla e escolhessem uma articulação para criar a seqüência. Cássia e eu ficamos com as Escapulas; Fagner e Thatiana escápulas e mãos; Jailton e Geferson pescoço (cabeça) e mãos; DJameson e Jeissy pés e mãos.

Em dupla fizemos massagem nas escápulas. Depois cada uma das duplas (Cássia e eu) dançamos ao som de The last man, de Clint Mansell. Minha percepção: liberdade, sentir, asas. Em casa escrevi um poema, reverberação da aula:

Tocar. Sentir. E deixar ir... Como uma leve borboleta que pousou sobre uma flor e, aos poucos, resolveu partir, bater suas delicadas asinhas. Ganhou vida.

Voou para mais alto, andou e rodopiou. Quis voltar, mas já estava longe... Em altos céus. Sentiu saudade. Sentiu dor. A dor da partida e saudades dos que ficaram. Sim, dos que ficaram...

Ah, mas quem tem asas quer voar, quer saborear a liberdade, sentir o cheiro do infinito, ver o invisível, descobrir o insondável.

Não me prenda! Por favor, não me prenda! Deixe-me ir. Deixe-me ver com o coração e enxergar em meio à escuridão. E se, se um dia eu precisar voltar, permita em tuas terras repousar.

Deixe-me com minhas asas e sentir tua presença, teu calor, teu amor. Deixe-me somente com minhas asas.

(Angélica Maria Alves, Diário de bordo, 30 de julho de 2018).

Todas essas propostas que os colaboradores propuseram dentro do projeto foram antecipadamente planejadas por todos os envolvidos: professora, discentes-bolsistas e discente-voluntária. Outros discentes trouxeram propostas, mas optei por relatar apenas as que diretamente influenciaram no processo criativo de *Obscuricidades*. Os demais discentes nesta aula faltaram, e a sugestão para eles foram que acendessem fósforos, no escuro, dando um ar meio sombrio. A idéia do escuro e algumas frestas vieram do discente Geferson que tinha um desejo de em alguma cena ter sombras.

Durante o mês de agosto experimentamos todas as ideias que foram surgindo. Começamos pelos Segmentos. Na sala preta Cássia e eu, Fagner e Thatiana ensaiamos no escuro, com apenas um foco de luz (uma lanterna). Repetimos essas cenas numas três aulas. As andadas e corridas surgiram a partir do exercício de mímica. E uma das regras era que quando estivéssemos cansados escolhêssemos entre duas alternativas: ir para o nível baixo e rastejar e/ou pausar. Eu particularmente estou usando a pausa. Após esse ensaio, conversamos quais cenas seriam mais viáveis. Ideias foram surgindo de cada um dos colaboradores. Muitas ideias! Quando cheguei em casa deitei-me e meio que cochilei. Eu comecei a ver uma possível cena para o corpo cênico. Depois das andadas vem o solo da Ione (que até semestre passado não sabíamos o que seria). Quando a Ione é carregada pelo Jai e colocada no meio da sala, todos nós corremos e paramos próximos a parede. Reverberação da aula:

Nessa visão o que vi foi: Começamos a descer devagar com os olhos fechados e aos poucos íamos meio que Tateando, com som, no chão, até deitar e meio que se contorcer. Aí a Ione começa a bater com o pé e todos meio que virava o rosto para ela e abria os olhos: estávamos petrificados. Ela começa seu solo, mãos dedilhando o ar, tranquila, viva e presente. Havia calma, brisa e luz. Luz ao redor de uma “às cegas”. Depois, como répteis, íamos se rastejando até chegar nela e fareja as suas pernas.

Em seguida íamos para outras direções diferentes e começávamos as nossas sequências. A Ione também fazia a dela. Eu não sei exatamente quanto tempo durou, mas aos poucos íamos parando e a Ione repetia o movimento do braço em volta do corpo dela e o Fagner

e a Jeysi faziam também, aos poucos os três iam se entrelaçando. Aí eu acordei, tentei ver mais alguma coisa, porém não vi. Abri os olhos e o que vi foi meu braço tentando tocar algo no ar. Eu queria voltar pra lá... Percebi que já era noite, a casa estava escura, contudo a luz do poste estava entre as brechas da janela. Levantei-me e peguei o caderno, eu precisava registrar isso.

(Angélica Maria Alves, Diário de bordo, 13 de novembro de 2018).

Na segunda, 19 de novembro, cheguei mais cedo na aula, queria compartilhar com a professora Kamilla. Fiz isso e depois compartilhei com a turma. A professora Kamilla sugeriu que a minha visão seria tipo o roteiro para a trama do nosso processo criativo.

Naquela segunda-feira, elaboramos e experimentamos várias cenas. Eu não queria pensar em outra cena, porque já temos muitas células construídas. Conversamos sobre possíveis títulos para o nosso processo criativo. Foram falados vários nomes, eu não sugeri nenhum porque gostei das ideias. Não entramos em votação, porém fui para casa pensativa. Eu queria pensar no título, mas ele não veio. E o que aconteceu? Mais um *insight!*

O Geferson falou “vai que a Angélica tenha outro sonho”... Fui deitar pensando nos vários nomes que surgiram na sala de aula, eu queria articular as palavras: entre; copos; escuro; obscuro; atravessados; entrelaçados. E entre corpos no escuro tive mais uma visão. Reverberações da aula:

A sala branca estava escura. Vi todos no chão parados, numa meia lua, a única pessoa que não estava era eu. Alguns estavam com velas nas mãos. Todos estavam olhando para a parede que tem as janelas, tinha folhas e esse verde camuflava. Era tipo uma passagem secreta. Aos poucos todos iam se mexendo de forma sutil, olhando, querendo ir, mas também querendo ficar. Simultaneamente vi uma luz que vinha do lado do espelho eu procurava entender de onde vinha aquela luz. Não era um foco de algum objeto, não era um canhão daqueles específicos para teatro. Eu não sei de onde vinha, mas veio. Ela iluminava apenas uma parte do chão. Vi duas mãos e, reconheci que eram as minhas por causa dos anéis. Eu estava lá. Acordei e comecei a escrever o que eu estava sentindo...

No escuro e na luz o entre nós entrelaçados acontece. Sob um caos poético a nossa dança acontece. Perdidos, achados. Entrelaçados sob luzes de velas. Um navio a deriva em alto mar. Déjà vu. Eu já estive aqui. Eu já estive ali... Devir. Somos sonhadores, navegamos por terras distantes em tempo real. No obscuro entre nós, entrelaçamos corpos (de) formados, transformados.

(Angélica Maria Alves, Diário de bordo, 10 de dezembro de 2018).

Este texto serviu como o release do espetáculo *Obscuricidades*. Hoje, o momento foi para escolhermos o nome de cada uma das oito cenas: Escuridão,

Procissão, Atravessamentos, Às cegas, A cena sobre o nada, Entrelaçados e Retorno a escuridão.

Começamos hoje pela cena número 4: Às cegas. Quando penso em descer pela parede prefiro um tempo lento, tirar as mãos do rosto e tatear primeiro o ar e depois o chão, como no sonho. Hoje na aula Ione ensaiou o seu solo e os demais faziam o círculo, ao redor da Ione, com os corpos (de) formados. A cena foi à mesma do meu sonho, aconteceu do jeito que vi, até a sensação de paralisação do meu corpo e a petrificação do meu olhar:

A lágrima congelou nos meus olhos e depois escorreu pela minha pele, acariciando o chão. Por alguns segundos ficamos parados, petrificados com a musa Às cegas. Como no sonho. Eu não conseguia me mexer. Como no sonho! Eu via o jogo acontecendo, contudo não queria parar de olhar para ela, mas eu precisava entrar no jogo. E depois de algum tempo entrei. Mas, sinceramente eu passaria 10, 15, 20 minutos parada, só olhando, apreciando... Como no sonho. O gesto “roubado” das mãos da Thatiana é o mais lindo. É como no sonho. No sonho eu não ouvia som nenhum, mas a música que foi tocada me leva para outro lugar, me faz transcender.
(Angélica Maria Alves, Diário de bordo, 11 de dezembro de 2018).

Seguindo o calendário acadêmico da UFAL, entramos de férias no dia 19 de dezembro de 2018 e voltamos no dia 21 de janeiro de 2019. Na última aula de 2018, na disciplina Dança na escola, aconteceu algo que foi muito interessante, fizemos uma atividade coletiva ao ar livre. Para mim, foi interessante porque mostrou que juntos aprendemos mais, interagir com o outro, com os outros contribui nas nossas práticas pedagógicas. Sempre gosto de escrever os momentos que acontecem na minha vida fora do projeto, chamo isso de: *Atravessamentos*.

No dia 29 de janeiro, a cena do Grito ficou pronta, experimentamos 4 módulos e como a nossa regra geral é: experimentar antes de dizer que não serve, fizemos os 4 módulos e filmamos. Neste dia trabalhamos de maneira autônoma na construção dessa cena, sem a presença da professora Kamilla.

O olhar da Jeyssi que ficou um pouco de fora foi muito importante, ela via como ficava e o que poderia ser melhorado. Gravamos algumas partes e postamos no grupo do *whatsapp*, porque decidimos fazer uma surpresa para professora. Todas as segundas-feiras e terças-feiras ensaiávamos para o espetáculo, fizemos os ajustes finais, pois a noite de estreia se aproximava.

Obscuricidades: reverberações pré e pós-espetáculo, algumas considerações

Na noite da nossa estreia estava tudo pronto para começar quando de repente... Faltou energia. E quem disse que isso foi motivo para desistirmos? Assumimos com coragem e apresentamos. E foi incrível! Claro que estávamos meio nervosos, porém foi emocionante! Tinha muita gente, eu nunca tinha visto tanta gente, na sala preta, para assistir um espetáculo de dança. Que bom! Depois, em casa, pós-espetáculo fiquei pensando, eu ainda estava em êxtase... A falta de energia foi boa. Dizem que a escuridão remete as trevas, no nosso caso, eu penso que a escuridão foi necessária para acender a luz de cada um de nós.

O escuro nos aproximou, nos impulsionou a juntos, darmos o nosso melhor. A energia no sentido de haver luz, talvez a partir de agora não seja algo fundamental em alguns espetáculos... Bem... Talvez. Mas sem sombra de dúvidas ela jamais será um empecilho para que o espetáculo não aconteça.

De qualquer forma nós tínhamos um plano B. Quem sabe quantas ideias permearam nos pensamentos da plateia? Quantas leituras fizeram? Para qual futuro foram? Para qual passado viajaram? Como estavam transitando pensamentos e sensações? Há quantas milhas vagaram? Há quanto vapor estava seus corações? Pupilas dilatadas viram o escuro. Ouvidos sensíveis ouviram o silêncio, o sombrio, a chama do fogo. Rojões em seus corações? Incertezas, medo, agonia, desespero? O que se viu? O que se sentiu?

Ouvimos os espectadores, suas sensações, suas vontades e desejos de entrarem na dança. A nossa dança foi convidativa. Que maravilha! Apesar de ninguém ter entrado, mas que bom que acionou sentidos, tocamos o outro com o nosso caos poético.

Antes da estreia, quando estávamos falando de possíveis apresentações fora da sala preta, aliás, um dos meus desejos na “carta dos desejos e expectativas” é apresentar em outros espaços, outros lugares. Enfim, antes da estreia e pós-espetáculo fiquei pensativa em relação a algumas questões... O que fazer para o público entrar na cena das caminhas? E se alguém entra nessa cena o que fazer? Qual será a regra? Como usar os espaços para a plateia sentar? Se alguém tirar a venda da Ione, o que ela faria? E nós o que faríamos?

Sobre esta última questão eu fiquei pensando bastante porque dia 05/04 apresentaríamos novamente e, quem sabe isso acontecesse. A “solução” seria vender a própria pessoa que tirou a venda e Ione ir para a plateia, afinal Ione não “sabe/vê” o que nós fazemos. Parece meio louco e engraçado, como alguém que faz parte do processo

não “sabe o que está acontecendo”? Pois bem, essa foi a minha ideia que sugeri na noite 05 de abril. E aí Cássia acrescentou outras ideias, caso alguém tire a venda da Ione:

1. Eu sou a primeira a vender a pessoa que tirou a venda;
2. Thati a segunda a vender outra pessoa;
3. Djamysom o terceiro a vender outra pessoa;
4. E eu, a última a tirar a venda da pessoa e colocar na Ione (que volta para a cena).

Dia 05 de abril chegou, não faltou energia e o espetáculo aconteceu normalmente. Ninguém entrou na cena das caminhadas e nem tiraram a venda da Ione. Por outro lado, um senhor parou e encostou-se à parede, na minha direção. Temos alguém na cena? Quando percebi que todos já estavam acomodados e o senhor não saiu da minha direção, respirei e fui... O meu olhar petrificou, não tirei meus olhos dos dele. Confesso que deu vontade de rir, mas de nervoso: o que fazer? Percebi que tinha uma cadeira na ponta do meu lado direito, o colocaria sentado lá? Não! Penso que seria covardia da minha parte, afinal eu queria que o espectador entrasse na cena (não parado na minha frente, mas tudo bem...). Continuei.

Meu corpo ia e meu pensamento dizia: pensa rápido Angélica o que tu vais fazer na hora das corridas? Pensa rápido! Pensei e decidi mantê-lo ali, talvez depois ele saísse. Comecei a correr e empurrei ele, ele deu um suspiro alto. Pensei: agora ele saiu. Ele não saiu. Corri novamente, ele estava na minha direção e o empurrei novamente, ele saiu? Não, ele não saiu. Suspirou. Vi que tinha espaço para eu tocar na parede, desta vez preferi tocar nela. Eu tinha duas opções: tocar na parede ou continuar tocando nele. Escolhi a segunda opção, por quê? Por que eu não conhecia o outro. Fiquei com receio dele não estar fisicamente bem.

Diante disso, fiquei pensando... Reverberação da noite 05 de abril de 2019:

O homem é um ser incompleto e inacabado, vivemos em eternos processos, nossas relações se acentuam no contato com o outro, com os outros. Somos às vezes separados pelas circunstâncias, mas somos inseparáveis quando firmamos elos, afetos. Somos levados a trilhar vários caminhos, mundos que se encontram apenas, no único caminho. Quantos mundos você encontrou? Quantos mundos há atrás de sorrisos e olhares que você visitou? Conte-me o que você viu? Debaixo do sol, entre o céu e o mar, o que há do outro em ti? Somos complexidade, uma bela obra de arte, feita com um material rico, preciosíssimo eu diria, feitos por um artista incrível. Deus nos fez de forma assombrosamente maravilhosa. Somos mistérios, elos e afetos. O que isso desperta em ti?

(Angélica Maria Alves, Diário de bordo, 06 de abril de 2019).

Há alguns dias eu estava conversando com alguém sobre o sentido da solidão. O artista de certa forma precisa estar sozinho mergulhando nas suas inquietudes, refletindo sobre sua existência. E qual seria o sentido da existência? A solidão nos faz enxergar além do que podemos ver. Ela nos leva ao mais profundo íntimo da nossa alma. Percebemos quem somos. Para o corpo cênico eu escrevi uma carta expressando meus desejos. No corpo cênico eu tive sonhos, *insights*.

É, esse projeto tem transformado minha vida! Essa é a mágica da arte que me faz transcender. Dos corpos em arte que buscam sair do mundo real, que transitam pelo campo abstrato, mas fixam suas raízes na realidade. Realidade que é transformada, contaminada por inquietudes, atravessado pelo desejo de ir. De ir e vir. De ir e permanecer. De ir e tornar a ser. E aqui, parada olhando o céu acinzentado, vejo que às vezes somos como as nuvens, estamos em constante movimento, estamos indo, nos transformamos em imagens nada convencionais. Reinventamo-nos.

E um dos aspectos mais relevantes no Projeto Corpo Cênico é o trabalho coletivo, que como sabemos, é difícil, tem seus imprevistos, porém, juntos conversamos, buscamos entender o outro, ouvimos o outro e nunca desperdiçamos uma sugestão. A regra maior do nosso jogo é experimentar antes de dizer que não serve. Isso me faz entender que por mais complicado que sejam os processos criativos colaborativos, eles são possíveis. No coletivo, vale à pena!

Podemos perceber que a existência do Projeto Corpo Cênico consegue abranger o tripé da universidade: ensino, pesquisa e extensão, contribuindo, portanto, na formação acadêmica me incentivando a refletir sobre a importância de complementar os conhecimentos obtidos na sala de aula articulando com a pesquisa e extensão, a teoria e prática.

Penso que participar de um programa de extensão, que está voltado à formação artística, pedagógica e técnica continuada de seus integrantes e à pesquisa, irá possibilitar um cidadão/discente mais criativo e crítico, agregando conhecimentos e valores que, posteriormente irão reverberar na construção de processos criativos em dança na diversidade cultural da comunidade alagoana.

Finalizo afirmando que o Projeto de Extensão Corpo Cênico foi de extrema relevância na minha formação enquanto artista/docente e também como pessoa. Ganhei amigos, aprendi com as experiências dos outros, me emocionei quando vi o irreal tornando-se real depois de uma visão. Acordo e penso: que escolhas estamos fazendo hoje que reverberarão no nosso futuro? Quantas escolhas fizemos durante este processo

criativo?! Lembrei-me de Agambem. Contemporâneo, futuro, presente... Um constante devir.

Referências Bibliográficas

AGAMBEM, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios.** Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Argos editora da unochapecó, Chapecó, 2009.

Edital Corpo Cênico da Universidade Federal de Alagoas. Disponível em:<<https://editais.ufal.br/extensao/corpoceinicoufal2018/edital/view> acesso em 08 de julho de 2019>

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

MACHADO, Marina Marcondes. **O Diário de Bordo como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em artes cênicas.** Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57101/60089> acesso em 10 de abril de 2019>

MILLER, Jussara. **A escuta do corpo: sistematização da técnica de Klaus Vianna.** 2 ed. – São Paulo: summus, 2007.

OLIVEIRA, Kamilla Mesquita. **Dança e Teatro: interseções e contaminações criativas.** Editora UNICENTRO: Paraná, 2014.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística.** 6ª edição. São Paulo: Intermeios, 2013.